

OUTRA FACE DA REVOLTA: RICARDO GONÇALVES

*Antonio Arneni Prado*

Caçados nas ruas e nas fábricas, nas casas e nos centros de cultura, os anarquistas foram muitas vezes impedidos, como proscritos, de pensar e de escrever. Um dos resultados dessa vicissitude da luta social é que, para eles, a arte em grande parte funcionou como uma espécie de sinal agravado dessa intolerância.<sup>1</sup> Ou seja: produzida por um conjunto de homens perseguidos, o seu universo muitas vezes correspondeu a uma resposta alegórica a essa ameaça, o que os levou a buscar constantemente uma linguagem que os unificasse em sua estratégia de sobrevivência.

A livre pensadora Maria Lacerda de Moura viu bem a questão quando sugeriu que ao poeta anarquista, antes mesmo da função de escrever, cumpria a tarefa de resistir àqueles que o tentavam amordaçar. Segundo ela, não sendo um escritor profissional, o poeta libertário só teria êxito se fizesse chegar as suas metáforas ao coração da massa exilada, compreendida como um reduto coletivo de artistas anônimos à espera de uma palavra estrategicamente libertadora.<sup>2</sup>

Pode-se daí avaliar como o peso negativo da exclusão acabou contribuindo na radicalização da linguagem e dos processos da arte libertária no Brasil. E quanto isso representou de mutilação nos destinos daqueles que decidiram jogar a própria vida nesse confronto desigual com a ordem dos valores estabelecidos.

É bom lembrar que é por esse lado que os anarquistas vão cruzar o caminho de seus parceiros de rebeldia, os modernistas de 22. Em 1942, Mário de Andrade faria um retrospecto do vexame a que os jovens da Semana ficaram expostos quando resolveram divulgar as suas idéias no palco do Teatro Municipal; e Oswald de Andrade dá bem a medida de até onde chegava esse repúdio, ao lembrar um pouco mais tarde o desrespeito à sua condição de autor recém-premiado pela Academia Brasileira de Letras, acusando o próprio Oswald de ter incitado as vaías contra ele.<sup>3</sup> Do lado anarquista, é Domingos Ribeiro Filho, o romancista de *O Cravo Vermelho*, quem testemunha em favor de seus companheiros militantes, perseguidos sem trégua por uma polícia que os comparava aos loucos e aos criminosos comuns.<sup>4</sup>

Bem sabemos que, para a sorte dos modernistas, poesia não dava cadeia e vaías não eram balas. Aos verdadeiros intelectuais libertários, no entanto, coube outro destino. Para eles, a vida pessoal desfigurada agregava-se a metralha constante

da repressão, fatores que em seu conjunto tiveram como conseqüências mais ruinosas o abafamento da poesia e da literatura anarquista e o silêncio próximo da morte civil anunciada, que acabou eliminando da biografia de grande parte de seus representantes a face mais rica de sua contribuição ao movimento.

Ricardo Gonçalves é um exemplo dessa perseguição ao idealismo. Defensor convicto dos princípios anarquistas, teve de amargar em silêncio um inconformismo que quase não aparece quando se fala da sua personalidade intelectual. Tanto assim que o tiro que o atingiu em 1906, durante a greve da Paulista, permanece até hoje como o único elo visível a aproximar as duas faces do poeta: a da vocação libertária da sua arte e a do isolamento em que foi jogado, incompreendido até mesmo por aqueles que privaram de sua inquietação pessoal e testemunharam a sua rebeldia. Como marca insanável da agressão, o estampido ficou batendo na face amputada de sua alma, embalsamando a revolta, enquanto outra face, a do paladino simpático mas irrecuperável, foi sendo esculpida com afetação e lirismo. Até que em 1916 um outro tiro, aquele com o qual poria termo à própria vida, viria resgatar a plenitude da imagem, restaurando a outra face da rebeldia.

O retrato do poeta afável e do artista possível está nas cartas que Monteiro Lobato escreveu para Godofredo Rangel, nas quais uma admiração fraternal transforma a existência de Ricardo num rico motivo para a digressão literária.<sup>5</sup> Afinal, na república do Minarete eram todos muezzins que se transformavam em personagens para viver o Tartarin de Tarascon, de Daudet, num clima de exacerbação poética que acabaria diluindo no trocadilho retórico um empenho político que Ricardo foi obrigado a esconder dos companheiros.

Em 1903, é conhecido como poeta sentimentalão e caipira que escreve sonetos sofríveis. Era então o Bruno de Cadiz, um dos tantos poetas da cainçalha que colaborava com versos e crônicas para os jornais O Combatente, então mantido por Artur Breves, e O Minarete, que Benjamim Pinheiro, animado pelos rapazes, publicou em Pindamonhangaba entre 1903 e 1907.

Pouco sabemos de suas atividades fora da república, a não ser que tentara criar um jornalzinho irreverente a que chamaria O Corvo, para o qual talvez canalizasse a sua mania de "gritador socialista, de um nihilismo vermelho e desorientado", mesclado a uma sensibilidade de visionário. Já no ano seguinte, a impressão que causa nos companheiros é de que este mundo não era feito para ele, a tal ponto que todos se rebelam contra o seu socialismo sentimental, atacando-o com argumentos que o fazem calar e sofrer.

A sua reputação a essa altura é a reputação do desequilibrado, do poeta tão próximo do fracasso quanto Olavo Bilac da glória. A comparação servia mesmo de exemplo e já em 1905, perturbado pela "tonteira do sonho", Ricardo vive feito sonâmbulo, sem produzir nem dizer poesias. Mesmo assim, entre um e outro passeio pelas noites paulistanas, acompanha a cainçalha ao Café Guarany e a outros bares das cercanias. Numa dessas excursões noturnas, em 1906, vai orgulhoso de sua atuação em apoio dos ferroviários grevistas da Companhia Paulista. Observando a mudança no ânimo do amigo,

Lobato escreveria a Rangel: "Ricardo, magnífico, dorme empavonadamente sobre os louros conquistados na última bernarda, na qual agiu com a marreta e levou tiro".<sup>6</sup>

Apesar de o registro ficar por aí, sabe-se que o gesto desprendido que os amigos não compreendiam nem aceitavam realmente significou muito para ele. De tal modo que recobrou o gosto pelos versos e voltou a recitar os mil poemas que sabia de cor. Nesse estado de espírito é que o encontramos subindo em companhia dos amigos a rua Quinze de Novembro, alta noite de ruas desertas e muita garoa. Pela altura da Casa Garraux, cruzam com um tãlburí parado. "Ricardo vinha derramando versos de ouro, - Lobato escreve. Entreprou em frente do cavalo triste. Adiantou-se para ele num ímpe to. Abraçou-lhe o focinho e beijou-o, como talvez nunca haja beijado uma mulher..."

De alma nova, segue ainda nesse ano para o Rio, onde pouco antes se reunira o Primeiro Congresso Operário Brasileiro. O entusiasmo leva-o a evitar o álcool e conviver mais longamente com os livros. É desse tempo a amizade com Pedro Lessa, que o admira e frequenta até 1907, quando Ricardo viaja para a Itália.

A imagem que aqui deixou, no entanto, era ainda a do homem destinado ao fracasso, do sonhador inconseqüente que não se acostumava com as injustiças deste mundo. Compunha no todo a figura do poeta que encarnava o lirismo mas não escrevia, do artista de gestos vagos e palavras soltas, que produzia pouco. Uma grande promessa gozada, para a decepção dos amigos: "Todos emboloramos à espera das centenas de camélias do Ricardo - e os botões vão caindo", Lobato anotaria três anos depois.<sup>8</sup>

De 1909 a 1913, pouco se acrescenta ao desapontamento pelo talento desperdiçado. Mais: teme-se agora que o fracasso não venha sozinho. Alguma coisa estranha dentro dele parecia indicar uma saída trágica, semelhante à que ocorreria não havia muito quando tentou o suicídio por enforcamento com a própria gravata.<sup>9</sup>

Apesar de tudo, tentam convencê-lo a advogar em 1913, o que o levou a ensaiar, no ano seguinte, uma curta passagem pela política. Até 1915, entretanto, não se modificaria a impressão causada nos companheiros: apesar de poeta "no modo de olhar, no falar e nos atos mínimos da vida", Ricardo permanecia o rapaz de talento que não vingara. Lembravam-no sempre pela grandeza de alma, mas não procuravam compreendê-lo na plenitude da sua angústia. Veio então 1916 e com ele o suicídio que chocou a todos, mas não surpreendeu ninguém. Parece que a bela alma do Ricardito tinha um lado arruinado que só a morte poderia resgatar.

A verdade é que depois desse gesto trágico tornou-se impossível deixar de perguntar com que sonhava esse poeta desavindo com a vida e por onde andava quando estava fora da república do Minarete. O que então escondia à indiscrição dos amigos? Até onde pesou para ele a imposição de um anonimato que uma vez revelado o ameaçaria com o repúdio de todos? O silêncio de Ricardo, mais talvez do que o desencontro existencial que ficou como registro, parece ter sido imposto por um sacrifício de autoconsciência que só hoje, ampliada a visão de sua trajetória, é possível avaliar melhor.

Na verdade, a atuação libertária desse poeta tido como um "visionário vermelho e mal orientado" ia para muito além do que podia alcançar a imaginação dos muezins seus amigos. Já em 1904, no tempo em que o supunham apenas o Bruno de Cadiz

do Minarete, converte para o anarquismo aquele que seria um de seus maiores e mais lúcidos representantes - Edgard Leuenroth, em cuja companhia e na de Neno Vasco assinará já no ano seguinte um manifesto em favor dos presos da Sibéria russa.<sup>10</sup>

É certo que andasse curtindo ressacas pelas moças do Brás e adjacências, enriquecendo com isso a crônica dos jovens companheiros de república, junto aos quais insistia sempre para que lessem a literatura de fundo social, a começar pelo Germinal, de Zola. Mas já então a sua vocação solidária o empurrava para as lutas que os trabalhadores sustentavam nas ruas. Nos comícios, celebrações ou greves registrados pela imprensa operária é comum vê-lo citado pelas seguidas intervenções que fazia, dizendo poemas, falando aos manifestantes ou simplesmente testemunhando solidariedade.

Viu-o em ação um outro poeta libertário paulista, Martins Fontes, recém-chegado do Rio de Janeiro, para onde fora estudar medicina e, no percurso, contribuir para a instalação da Universidade Popular de Ensino Livre naquela cidade, em 1904.<sup>11</sup> Dessa impressão, ficou o soneto "Dom Ricardito", em que a imagem do anarquista lírico funde-se com a do boêmio e poeta brigão:

*Guapo? Ainda mais, guapíssimo, reguapo!  
Boêmio, poeta, tribuno, epigramista,  
Ferrabrás, círanesco, abaixa-crista,  
Trezentas vezes do presídio escapo.  
Preconceitos? redu-los a farrapos,  
E, em uma independência de anarquista,  
Fino, o florete da ironia enrista,  
Ou desbarata, impávido, a sopapo!  
Passa, e o louvor dos corações se evola.  
As mulheres adoram-no! É troveiro,  
Canta e sedu-las pela barcarola!  
Leva, a esgrimir, flamante e sobranceiro,  
Penachando, a feudal capa espanhola,  
Uma pluma escarlata no sombreiro.<sup>12</sup>*

No poema, a alusão à capa espanhola nada tem de postiço. Ferido no ombro durante os conflitos que explodiram nas ruas de São Paulo por ocasião da greve dos ferroviários da Companhia Paulista, em maio de 1906, Ricardo passou a usá-la para esconder o braço temporariamente paralisado.

O acidente paradoxalmente lhe redobra o entusiasmo. Apesar da incompreensão dos que o julgavam um visionário à beira do fracasso, a sua atividade às costas do grupo do Minarete o atira agora para o cotidiano da luta social. Repórter do Correio Paulistano e colaborador, depois, do Comercio de S. Paulo, foi um dos primeiros informantes a levar para a imprensa comercial a crônica do movimento anarquista e a divulgação de seu ideário. Quem hoje se aventure pelas páginas desses velhos jornais

a recompor os primeiros flagrantes da resistência operária em São Paulo, encontra ali o olho arguto do militante, quase sempre anônimo em meio aos redatores que faziam a pauta diária. No Commercio de S. Paulo começam então a aparecer notas detalhadas sobre as idéias de Réclus e Kropotkine, sobre o teatro polêmico de Ibsen, misturadas ao noticiário geral e aos muitos relatos e informes sobre congressos de trabalhadores, movimentos grevistas e outros atos de resistência.

É também nesse jornal que Ricardo concretiza o antigo sonho, confessado aos companheiros do Minarete, de fazer publicar um pasquim demolidor que desmascarasse a burguesia endinheirada e os seus aliados. Assim é que, por volta de 1905-6, vemos surgir no Commercio pequenos flagrantes da cidade, em geral nas colunas de canto, que não ocupam mais do que um ou dois parágrafos. Era a secção do "Corvo", que entrava como gancho para a crítica de aspectos inéditos da luta diária pela sobrevivência. O tom jocoso, a irreverência muitas vezes temperada de cinismo, traziam para o leitor da imprensa convencional opiniões e pontos de vista que, apesar de oportunos, lhe eram inteiramente estranhos.

Através deles, Ricardo ampliava a memória do movimento anarquista, junto ao qual militava, convivendo nas redações de jornais pioneiros, como La Battaglia e A Terra Livre, e colaborando como poeta e tradutor de contos breves e parábolas destinados à formação do leitor libertário. No jornal A Terra Livre, por exemplo, a partir de janeiro de 1906 traduziu para a secção "Fábulas e Parábolas" a história "Victor, as peras e o terremoto", que evoca a piedade de um menino, filho do patrão fazendeiro, pelo camponês miserável que o servia. O tema seria retomado em outubro do mesmo ano com a fábula "O Camponês e o Patrão".

É também desse tempo o seu poema "Rebelião", lembrado freqüentemente na imprensa operária pela força com que concebia a revolta dos deserdados, cujos protestos, gradativamente misturados ao rugir dos ventos, vão reboando pelas ruas da cidade até explodirem num formidável grito de rebelião contra a fome e a miséria, a opulência dos poderosos, a ignomínia dos corruptos, a quem anunciam a sublevação e a libertação iminente de todos os oprimidos.<sup>13</sup>

Essa voz libertária é que, na manhã do dia 26 de maio de 1906, dirige-se à multidão dos operários gráficos, sapateiros, chapeleiros e mecânicos que foram para o Largo de São Francisco pedir solidariedade aos ferroviários em greve da Companhia Paulista. Em sua edição de 27 de maio de 1906 o Commercio de S. Paulo informa que os estudantes decidiram dar apoio moral aos trabalhadores, falando por eles primeiro Freitas Vale e depois Ricardo Gonçalves, "*terminando este último por um viva ao proletariado e à greve geral*". A polícia intervém e os estudantes abrem as portas da Academia, dando cobertura a grande número de operários, que prosseguem no ato público. Pouco depois, exaltados, decidem sair em cortejo pela rua São Bento, furando o cerco da polícia que vai esperá-los, reforçada pela cavalaria, no Largo do Rosário, onde se registram cenas de violência que acabam dispersando a multidão.

Três dias depois, sob aplausos da população, os manifestantes, liderados por Ricardo Gonçalves, voltam a enfrentar a polícia na rua São Bento, sendo nova

mente espadeirados em meio a grande tumulto. Protegido por amigos, Ricardo é levado à redação do Comercio de S. Paulo, onde se refugia e dá entrevista que sai publicada na edição de 30 de maio. Nela ficamos sabendo que *"achando-se há três dias ameaçado de prisão, por ter feito uns discursos em comícios de operários grevistas, os seus colegas ofereceram-se para conduzi-lo até a casa. Mas à vista da ordem policial de não serem agora permitidos ajuntamentos, dirigiram-se ao delegado, dr. João Baptista de Souza, a quem consultaram sobre se poderiam transitar pela cidade"*. Ricardo denuncia então que, estando já às portas do jornal, *"um secreta lhe despejou cinco tiros de revólver, tendo sido muitos de seus colegas barbaramente espancados"*. No mesmo instante em que concedia essa entrevista, os estudantes e os trabalhadores faziam um ato público na Faculdade de Direito para pedir garantias de vida a Ricardo, Freitas Vale e Joaquim Domingos Pereira Filho.

Garantias, de resto, que se revelaram desnecessárias, já que Ricardo, a partir daí, acabou virando lenda e foi deixando gradativamente a cena. Da militância política para o anonimato, do inconformismo para a solidão, foi aos poucos abandonando a trincheira para matar-se depois, esquecido e longe de todos. Ao saberem do tiro, os antigos companheiros do Minarete, quase todos encomendados à boa fortuna, acusaram o golpe, mas não estranharam. Lembraram-se da última imagem do menino transformado em Tartarin ameaçando os rivais no bosque das Perdizes, num tempo de ouro de suas vidas. E revisitaram a alma inquieta do companheiro, que costumava sair calado do Minarete sem jamais revelar seu destino, para depois juntar-se aos trabalhadores anônimos, ao lado dos quais navegava em longas e ásperas jornadas em busca do porto distante da libertação e da igualdade.

Num gesto pungente, Lobato, especado, contempla o retrato do companheiro morto e destaca, na expressão do olhar, a ação premonitória do tiro: *"Cada vez que o olho, sinto uma bola na alma. Uma dor lá dentro. Ricardo, aquele nosso Ricardito maravilhoso, morto, coberto de terra, apodrecendo"*.<sup>14</sup>

A trágica ausência apressaria o reconhecimento póstumo e os esforços para juntar o que era possível de seus escritos num livro que enfeixasse poemas e versos da adolescência. Sai então o Ipês e, no prefácio, Monteiro Lobato, que o editou, saúda o casamento perfeito entre o Poeta e a Poesia, *"ele medindo versos na mesinha em desordem, ela a revelar-se nas flores cor de rosa que aos beijos da brisa caíam regirantes da nossa velha paineira florida"*.<sup>15</sup>

A imagem, algo lírica, vem dar acabamento a um retrato comovido mas certamente incompleto do companheiro. Mesmo ante a distância dos anos, cabe um retoque final para que se faça justiça a esse militante cujo despreendimento Afonso Schmidt comparou um dia ao do príncipe Kropotkin.

Na calma paisagem do Ipês Ricardo pôde arquitetar a paz que não teve e que em vida lutou para que fosse de todos. Em seus campos e encostas, o lavrador fecunda a terra, a natureza agasalha o homem e o arco do amor faz da vida um desfrute. Aí também cabe ao poeta, que guarnece solitário a utopia, espreitar o mau vezo do des

tino em favor dos despossuídos. A exemplo do combatente anônimo que lutou nas ruas ao lado dos deserdados, lá está ele envergando a velha capa espanhola, a embalar o sono da menina pobre, enquanto a mãe, aflita, costura num canto a espera do marido proletário que o patrão expulsou da oficina ("Uma criança"). Argonauta solitário que perdeu quimeras ("Navegantes"), ele permanecerá ali, sempre, velando para que o sono perdure e ela não desperte tão cedo para a vida inglória que lhe foi dada a viver.

#### NOTAS

- \* Muezzins porque "oficiavam nas aras da arte e pregavam aos povos a verdadeira estética" (Monteiro Lobato).
- \*\* A cainçalha ou "os cães" eram, de acordo com Monteiro Lobato, os rapazes que viviam na república do Minarete: entre os quais Ricardo, Raul, Rangel, Lino Moreira, Tito Brasil, Abílio Camargo, Candido Negreiros, Artur Ramos e ele.

#### REFERÊNCIAS

1. Ver neste número o artigo de Lily Litvak, Arte Anarquista Espanhola de Fins do Século XIX.
2. Maria Lacerda de Moura: "A Literatura Rebelde". O Internacional, V(79): 11.10.1924.
3. Cf. Mário de Andrade: O Movimento Modernista. Rio, Casa do Estudante do Brasil (1942) e Oswald de Andrade: "O Modernismo". Anhembi, 49 (17): 26-32, dez. 1954
4. Domingos Ribeiro Filho: "O Espantalho da Loucura". A Plebe, II (9): 19.04.1919.
5. Ver Monteiro Lobato: A Barca de Gleyre (Quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel). São Paulo, Nacional (1944), pp. 7-333, a que remetemos todas as referências relativas à passagem de Ricardo Gonçalves pela república do Minarete.
6. Idem, ibidem, p. 80.
7. Idem, ibidem, p. 89.
8. Idem. ibidem, p. 151.
9. Lobato parecia adivinhar: "Há um defeito qualquer dentro do Ricardo, e temo que não se limite a falhar burocraticamente... temo que falhe às trágicas" (Barca de Gleyre, cit., p. 164).

10. O episódio do manifesto é registrado por Edgar Rodrigues em Socialismo: uma Visão Alfabética. Rio, Editora Porta Aberta Ltda. (s/d), p.245. O informe sobre a versão de Edgard Leuenroth por Ricardo Gonçalves está no livro de John W. Foster Dulles: Anarquistas e Comunistas no Brasil. Rio, Nova Fronteira, (1913), pp.25-26.
11. A informação é do historiador Edgar Rodrigues em entrevista que concedeu a mim e ao colega Francisco Foot Hardman para a secção "Primeira Leitura" do jornal Folha de S. Paulo em sua edição de 27 de outubro de 1984.
12. Apud Jacob Pentead: Martins Fontes, Uma Alma Livre. São Paulo, Martins (1968) , p. 176, citado em nota por Francisco Foot Hardman: Nem Pátria Nem Patrão. São Paulo, Brasiliense (1983), p. 145.
13. Reproduzimos o poema na versão em que foi coligido por Edgard Leuenroth: A Poesia Social na Literatura Brasileira (inédito):

#### REBELIÃO

Com gemidos agoureiros,  
Num pavoroso lamento,  
Lã fora perpassa o vento  
Chicoteando os pinheiros.  
E a noite, caliginosa,  
De uma tristeza superna,  
E como a boca monstruosa  
Da monstruosa caverna.

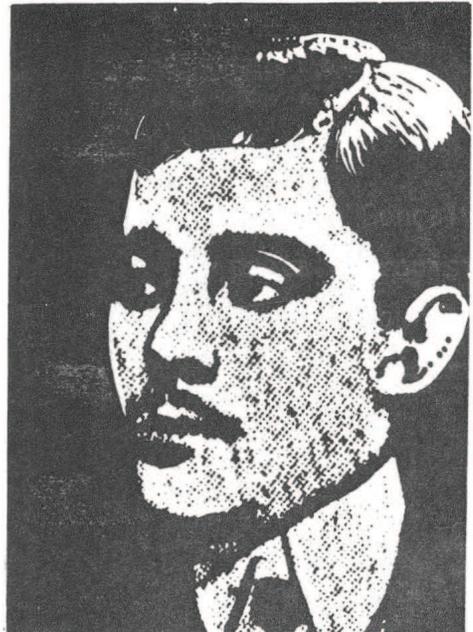
Chove. O arvoredo farfalha  
Soturno o trovão ribomba  
Como longínqua metralhã;  
Depois o silêncio tomba.  
Pávido e trêmulo, escuto,  
Mergulho a vista lã fora  
E vejo a terra de luto,  
E oiço uma voz que apavora.

Como um vago murmúrio,  
Mansa a princípio ela ecoa,  
Depois é um grito bravo  
Que pela noite reboa,  
Que para a noite se eleva  
Num pavoroso transporte,



José Oiticica, militante anarquista e diretor do jornal Ação Direta (AEL)

Ricardo Gonçalves, jovem poeta anarquista que converteu Edgard Leuenroth ao credo libertário (AEL)



Como um soluço de treva,  
Como um frêmito de morte.

Essa voz cheia de ameaças,  
De imprecacões e rugidos,  
E o clamor das populaças,  
E a voz dos desprotegidos.  
Medonha, relutante e rouca,  
Vem d'esse mundo sombrio  
Dos que tiritam de frio  
E não têm pão para a boca.

Vem das lôbregas choupanas  
Onde em tarimbas sem nome  
Hã criaturas humanas  
Agonizando com fome.  
Vem da cloaca deletéria,  
Em que a "Justiça" comprime  
Esses que a mão da miséria  
Pôs no caminho do crime.

Do quartel - açougue enorme  
Onde ã espera da batalha,  
Morta de fadiga, dorme  
A carne para metralha.  
Dos hospitais, dos hospícios,  
Das tascas onde ressona  
A grei de todos os vícios  
Que a miséria proporciona.

Ah! nesse grito funesto,  
Nesse rugido, palpita  
Um rancoroso protesto.  
É o povo, a plebe maldita  
Que, sombria, ameaçadora,  
Nas vascas do sofrimento,  
Mistura aos uivos do vento  
A grande voz vingadora.

Tremei, vampiros nojentos!  
Tremei, nos vossos dourados

Palacetes opulentos!  
O sangue dos desgraçados  
Sugai, bebei gota-a-gota.  
Não tarda que chegue o instante  
Em que a turba se levante,  
Sedenta, faminta e rota.

E quando comece a luta,  
Quando explodir a tormenta,  
A sociedade corrupta,  
Execrável e violenta,  
Iníqua, vil, criminosa,  
Hã de cair aos pedaços,  
Hã de voar em estilhaços  
Numa ruína espantosa.

14. Cf. A Barca de Gleyre, cit., p. 333

15. Monteiro Lobato: Prefácios e Entrevistas. São Paulo, Brasiliense (1946), p. 9.